

As Mulheres e o Amor na Clínica das Toxicomanias

Women and Love in the Clinical Treatment of Addiction

Las Mujeres y el Amor en la Clínica de las Toxicomanías

Les Femmes et l'Amour dans la Clinique des Toxicomanies

 10.5020/23590777.rs.v25i2.e15108

Renata Sales Martins  

Doutoranda (com bolsa CAPES) e Mestre em Psicanálise (UERJ), Especialista em Assistência a Usuários de Álcool e outras Drogas (IPUB/UFRJ), Psicóloga (UFF). Pesquisadora da FUNRIO. Experiência como Docente (professora substituta) e Preceptora da cadeira de Saúde Mental na Faculdade de Medicina da UFRJ - Campus Macaé. Experiência como Professora da Faculdade Estácio de Sá e da Faculdade Católica Salesiana e de cursos de Especialização em Psicanálise e em Saúde Mental. Ampla experiência de atuação em saúde mental e atenção psicossocial em múltiplos dispositivos da RAPS. Psicanalista e membro do Fórum do Campo Lacaniano Rio de Janeiro.

Luciana Ribeiro Marques  

Psicanalista, Membro do Fórum do Campo Lacaniano (FCL-RJ), Professora do Departamento de Psicanálise (DPSA) e do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise (PGPSA) do Instituto de Psicologia (IP- UERJ). Pós-Doutoramento e Doutorado em Psicanálise pelo Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da UERJ.

Resumo

A toxicomania pode ser pensada, sob a perspectiva da psicanálise, como um recurso diante do mal-estar suscitado pela castração, em que o sujeito se lança em uma relação particular com o objeto droga, na crença do reencontro com o objeto perdido. Nessa incessante busca por tamponar a falta, o sujeito pode acabar imerso no que Freud conceituou como compulsão à repetição, colocando-se frente à pura cultura da pulsão de morte ou, como sugere Lacan, frente ao rompimento com o pequeno “pipi”, revelando um corte com o gozo fálico. No entanto, nossa experiência mostra que, quando pensamos e tratamos essa clínica caso a caso, escutamos sujeitos que também nos fornecem outros relatos. No que se refere a algumas mulheres, por exemplo, verificamos que elas perpassam outros lugares: ao buscarem sua subsistência no outro, quando se deparam com a iminência da perda do objeto amoroso e com a impossibilidade de encobrir o real com a fantasia da completude, visada por meio do amor, passam a fazer inúmeras concessões, incluindo o uso de drogas e, por vezes, alguns crimes. Nesse caminho, o presente artigo visa abordar a relação entre a toxicomania, as mulheres e os diversos consentimentos que muitas oferecem a seus parceiros para não perderem o amor ou, mais precisamente, para não perderem a si próprias.

Palavras-chave: psicanálise, gozo, toxicomania, mulheres, amor.

Abstract

From a psychoanalytic perspective, addiction can be understood as a response to the distress generated by castration, in which the subject establishes a particular relationship with the drug object, driven by the belief in a reunion with the lost object. In this relentless attempt to fill the lack, the subject may become immersed in what Freud conceptualized as the compulsion to repeat, confronting the pure culture of the death drive or, as Lacan suggests, a rupture with the little “pee-pee,” revealing a break with phallic jouissance. However, our clinical experience shows that when this phenomenon is approached and treated on a case-by-case basis, subjects also provide accounts that point in other directions. In the case of some women, for example, we observe that they occupy different positions: seeking their subsistence in the Other; they are faced with the imminent loss of the love object and with the impossibility of covering the Real through the fantasy of completeness pursued through love. As a result, they may make countless concessions, including drug use and, at times,

involvement in criminal activities. In this context, the present article aims to examine the relationship between addiction, women, and the various forms of consent many offer to their partners in order not to lose love — or, more precisely, in order not to lose themselves.

Keywords: *psychoanalysis, jouissance, toxicomania, women, love.*

Resumen

La toxicomanía puede ser pensada, desde la perspectiva del psicoanálisis, como un recurso frente al malestar suscitado por la castración, en el que el sujeto se lanza a una relación particular con el objeto droga, en la creencia de un reencuentro con el objeto perdido. En esta búsqueda incesante por taponar la falta, el sujeto puede terminar inmerso en lo que Freud conceptualizó como compulsión a la repetición, situándose frente a la pura cultura de la pulsión de muerte o, como sugiere Lacan, frente a la ruptura con el pequeño “pipi”, revelando un corte con el goce fálico. No obstante, nuestra experiencia muestra que, al pensar y abordar esta clínica caso por caso, escuchamos sujetos que también nos aportan otros relatos. En lo que respecta a algunas mujeres, por ejemplo, se verifica que transitan por otros lugares: al buscar su subsistencia en el otro, cuando se enfrentan a la inminencia de la pérdida del objeto amoroso y a la imposibilidad de encubrir lo real mediante la fantasía de completitud, buscada a través del amor, pasan a realizar múltiples concesiones, incluyendo el consumo de drogas y, en ocasiones, la comisión de algunos delitos. En este sentido, el presente artículo tiene como objetivo abordar la relación entre la toxicomanía, las mujeres y los diversos consentimientos que muchas de ellas otorgan a sus parejas para no perder el amor o, más precisamente, para no perderse a sí mismas.

Palabras clave: *psicoanálisis, goce, toxicomanía, mujeres, amor.*

Résumé

La toxicomanie peut être pensée, du point de vue de la psychanalyse, comme une ressource face au malaise suscité par la castration, dans laquelle le sujet s’engage dans une relation particulière avec l’objet drogue, dans la croyance de retrouver l’objet perdu. Dans cette quête incessante pour pallier le manque, le sujet peut finir par s’immerger dans ce que Freud a conceptualisé comme la compulsion de répétition, se retrouvant face à la pure culture de la pulsion de mort ou, comme le suggère Lacan, face à la rupture avec le petit « zizi », révélant une coupure avec la jouissance phallique. Cependant, notre expérience montre que, lorsque nous pensons et traitons cette clinique au cas par cas, nous écoutons des sujets qui nous fournissent également d’autres récits. En ce qui concerne certaines femmes, par exemple, nous constatons qu’elles traversent d’autres situations: en cherchant leur subsistance auprès de l’autre, lorsqu’elles sont confrontées à l’imminence de la perte de l’objet amoureux et à l’impossibilité de masquer le réel par la fantaisie de la complétude, visée à travers l’amour, elles en viennent à faire de nombreuses concessions, y compris l’usage de drogues et, parfois, certains délits. Dans cette perspective, le présent article vise à aborder la relation entre la toxicomanie, les femmes et les divers consentements que beaucoup accordent à leurs partenaires afin de ne pas perdre l’amour ou, plus précisément, de ne pas se perdre elles-mêmes.

Mots-clés : *psychanalyse, jouissance, toxicomanie, femmes, amour.*

A psicanálise é uma práxis que, desde a sua criação por Freud, foi teorizada a partir da clínica. Por isso, ao nos debruçarmos sobre a clínica das toxicomanias, à luz da psicanálise, torna-se necessário considerarmos as especificidades da relação de cada sujeito com o objeto droga, dando relevo à forma como a droga é inserida, singularmente, em sua economia pulsional.

Para analisarmos a questão do uso de drogas a partir de Freud, precisamos nos ater a dois momentos: ao primeiro, em 1920, quando Freud introduz a pulsão de morte em seu segundo dualismo pulsional, e ao segundo, em 1930, quando ele menciona a intoxicação como um dos métodos mais eficazes e mais grosseiros contra o mal-estar na cultura.

Nessa clínica, embora alguns sujeitos se insiram em uma relação específica com o objeto droga, em busca de uma satisfação pulsional que responde a uma posição de gozo, muitas vezes, mortífera, percebemos que essa observação não se manifesta em todos os sujeitos. Verificamos que, para muitas mulheres – as quais escutamos em nossa experiência clínica e institucional –, a relação com a droga passa por esferas que nos remete às diferenças formuladas por Freud, ao situá-las na castração, e por Lacan, ao posicioná-las nas fórmulas da sexualização.

A releitura de Freud por Lacan aponta para uma indissociabilidade entre o inconsciente e a linguagem, nesse sentido, a feminilidade e a masculinidade são caracterizadas como posições construídas e estruturadas a partir do atravessamento do significante. Não há binarismo, mas um sexo e o Outro sexo. Para além dos caracteres biológicos, trata-se, portanto, de modalidades de gozo em relação ao falo, posições assumidas por meio da linguagem, frente à falta e à castração.

Essa perspectiva marca a ausência de complementariedade e de simetria entre os gozos do homem e d'A mulher, que, consequentemente, remetem à impotência do amor em fazer Um.

Essa proposição levou Lacan a afirmar não haver relação sexual, pois, a partir das diferenças entre as posições assumidas por cada sujeito frente à castração, verificamos as distinções entre as formas de gozo presentes nos dois campos. Circunscrevendo o nosso objeto de pesquisa a partir da relação entre a clínica das toxicomanias, as mulheres e o amor, deparamo-nos com particularidades que nos convocam a refletir sobre as concessões realizadas por algumas mulheres na relação com o parceiro amoroso e sobre o que recai no recurso às drogas.

A Clínica das Toxicomanias

A inscrição da linguagem faz com que o humano se desvie de uma condição natural na qual os animais estão inseridos, o que Jorge (2002, p.26) chamou de “um abismo intransponível”, uma vez que a linguagem implica o campo da falta, impossibilitando o acesso ao gozo todo e submetendo-o às leis da cultura. Essa operação é descrita por Freud (1895/2020) no seu “Projeto para uma Psicologia”, ao relatar a condição de total desamparo que o *infans* é posto no mundo. Na tentativa de eliminar qualquer desconforto, só tendo o recurso do choro, impõe-se a intervenção de um outro ser humano. Ao escutar e nomear o choro como um apelo, esse semelhante o socorre, ofertando-lhe significantes – fome, por exemplo – e seu correspondente – o seio como fonte de alimento –, marcando os rastros do que Freud descreverá como uma primeira experiência de satisfação, diante da descarga de excitação excessiva no interior do organismo. Quando uma nova excitação surgir, o bebê projetará aquele objeto em sua percepção, alucinando o seio como meio para alcançar certo apaziguamento para o desconforto. Como a alucinação não é suficiente para cessar o incômodo, resta ao bebê retornar ao choro até que alguém o socorra mais uma vez.

O destaque freudiano conferido à prematuridade do recém-nascido humano, que o expõe a uma condição de radical desamparo, é fundamental para entendermos que essa situação só se modifica com a presença e com o investimento de um outro que, com seus cuidados, suas palavras e seu desejo, transformará o que inicialmente era um pedaço de carne em um corpo erógeno e pulsional. A primeira apreensão da realidade só é possível, então, a partir de um semelhante externo que, ao dar contorno ao corpo do bebê, produz um encontro que o colocará em uma cadeia, em uma ordem simbólica, criando condições para que, a partir daí, o bebê passe a reconhecer o mundo por meio de uma dialética que inclui o Outro¹:

É importante compreendermos isso porque introduz também a referência ao investimento – *Besetzung* –, ou catexia, como foi algumas vezes traduzido, e que só pode se dar se houver energia de investimento, aquela que surge da própria necessidade da vida – *Not des Lebens* –, o empuxo pela vida. De certo que levará algum tempo para o bebê se dar conta de que o seio alucinado é diferente do seio do qual retira seu alimento, mas quando ele puder fazer essa distinção, certo grupo de experiências e lembranças se destacarão do psiquismo inicial e inconsciente, grupo que já não mais estará regulado pelo princípio de prazer, e sim, pelo princípio de realidade, que permitirá ao bebê distinguir, negar, diferenciar as experiências a partir do juízo de atribuição. [...] Assim, o que nos interessa aqui ressaltar é a importância da alteridade em ambos os momentos. Inicialmente, o alheio externo, o próximo que socorre o bebê e que Freud identificou como *Nebenmensch* – que inaugura no pequeno sujeito o complexo do Outro, momento crucial para a passagem entre um organismo regido exclusivamente pela primeira lei do funcionamento psíquico e aquele que também é regido pela segunda lei, o princípio de realidade –, dará ao pequeno sujeito em formação as condições de interagir com o mundo no qual nasceu (Marques, Alberti & Mählmann, 2022, pp. 536-537).

No segundo momento, quando o desconforto se reapresenta e uma nova oferta se torna possível, esse encontro já não será mais como o primeiro – ponto que nos parece essencial, pois um resíduo restará e engendrará uma repetição na tentativa de encontrar esse objeto radicalmente perdido. A partir disso, percebemos que, ao mesmo tempo em que essa relação constituinte com o outro salva o bebê, também traz um assujeitamento ao Outro. A subjetivação opera-se por uma dupla via: de um lado, há a alienação ao desejo do Outro e, por consequência, ao campo da linguagem, concernente à esquiva do desamparo e, de outro, impõe-se certa separação para que o desejo do sujeito possa se constituir, ainda que se trate de desejar o desejo desse Outro. No movimento de alienação e separação:

[...] ocorre uma extração de objeto que nem é colocada no campo do sujeito, nem no campo do Outro, mas justamente em uma interseção que aponta para o objeto como aquilo que falta a ambos, possibilitando por esta falta mesma a instalação de um laço com o Outro (Calazans & Bastos, 2010, p. 249).

1 Vale lembrar, com Lacan, a diferença entre outro e Outro. O outro, semelhante, alheio externo, é referência para o eu, porque é imaginário, ser vivo da mesma espécie, mas é também aquele que encarna o Outro, alteridade radical na medida em que o sujeito é por ele determinado, recebendo dele sua própria mensagem de forma invertida: “[...] é no Outro que está o inconsciente estruturado como uma linguagem” (Lacan, 1968-69/2008c, p. 220). O Outro surge como “função da fala” (1954-55/1985, p. 297), “lugar da palavra” (Lacan, 1956-57/1995, p. 79), “aquele que instaura e autoriza o jogo dos significantes” (Lacan, 1957- 58/1999, p. 323), “lugar do código” (Lacan, 1968-69/2008c, p. 50), sendo indicado por Lacan como condição indispensável para a constituição do sujeito.

Portanto, o que se inscreve como marca não é um objeto – como o seio, no exemplo anterior –, mas a representação da vivência de satisfação que a oferta do seio foi capaz de produzir ao baixar o excesso de excitações no interior do seu pequeno organismo. O objeto, como um objeto pulsional, estará desde sempre perdido:

Uma nostalgia liga o sujeito ao objeto perdido, através da qual se exerce todo o esforço da busca. Ela marca a redescoberta do signo de uma repetição impossível, já que, precisamente, este não é o mesmo objeto, não poderia sê-lo (Lacan, 1956-57/1995, p. 13).

Essa premissa coloca a satisfação pulsional na ordem da parcialidade e faz com que Lacan afirme que a relação do sujeito com os objetos é, na verdade, uma relação com a falta de objeto: “o objeto não tem instância, nem entra em função, senão com relação à falta” (Lacan, 1956-57/1995, p.67). O encontro harmonioso com o objeto não existe e jamais existirá, premissa também contida em “O seminário, livro 5: as formações do inconsciente”, obra em que Lacan (1957-58/1999) trabalha a constituição do sujeito a partir do encontro com o Outro: “no qual se encontra o código e que acolhe a demanda” (Lacan, 1957-58/1999, p.405). Diante de uma oferta, o bebê poderá aceitá-la e, assim, consentir em entrar no campo do Outro, passando a usar desses mesmos códigos para, posteriormente, endereçar-lhe suas demandas. Por isso, o humano só sobrevive a partir de sua subtração. Essa é sua maldição, uma “maldição consentida” (Lacan, 1959-60, p.362), feita a partir da linguagem que vem do Outro e que constitui o sujeito como faltoso.

A demanda estabelecida a partir da linguagem, e radicalmente diferente da necessidade, caracteriza-se por conter um enunciado, ou seja, uma fala que se constitui como a dimensão da alteridade, do código do Outro. Quinet nos lembra que, “na demanda, há sempre um pedido de restituição de um *status quo ante*, de um estado anterior de contemplação que o sujeito supõe existir ou ter existido” (2003, p. 88). Dessa forma, à medida que se inscreve como um apelo ao Outro, a demanda se situa sempre como demanda de amor, pois o que se quer, quando se demanda, é o amor suposto estar em jogo no momento em que o Outro nos atende.

Nesse ponto, abre-se um hiato entre o que se demanda e o que se recebe, entre o almejado e o alcançado, e é a partir desse hiato que surge o desejo. A transformação da necessidade em demanda, por meio da incidência da linguagem, é o que dará a conotação do inerente desencontro que restará na relação do sujeito com o Outro, que o desejo irá ratificar e que ainda revelará a impossibilidade de completude. Desejo é falta! Entre o que se pede e o que o Outro interpreta não há equivalência, não há um espelhamento. O objeto ofertado não será igual ao objeto idealizado, portanto, algo se perderá. Assim, o desejo, inapreensível e inarticulável por não se inscrever no registro do significante, só poderá ser inferido na medida em que se articula à demanda: “desejo significado [...] pela existência e pela intervenção do significante, ou seja, em parte, desejo alienado” (Lacan, 1957-58/1999, p. 298).

Se o desejo é o que surge nesses intervalos, “se ele se esboça na margem em que a demanda se rasga da necessidade” (Lacan, 1960/1998, p.828), estará sempre escapando, porque resta da operação significante e se apresenta como enigma. Nessa impossibilidade de ancorá-lo, Lacan (1960/1998) o situará como desejo do Outro, presentificando-se para o sujeito por meio de uma questão: “*Che vuoi?* O que quer o Outro de mim?”. Na ausência de uma resposta clara para essa questão, o sujeito é lançado à angústia, ponto fundamental na clínica das toxicomanias. No entanto, antes de avançarmos, retornaremos ao “Projeto” freudiano (Freud, 1895/2020), mas, dessa vez, a partir de Lacan (1959-60), em “O seminário, livro 7: a ética da psicanálise”. Do texto de Freud, Lacan extrai o conceito de *das Ding*, um resto inassimilável, fora de significado, que resulta do encontro com o Outro:

Das Ding é o que – no ponto inicial, logicamente e, da mesma feita, cronologicamente, da organização do mundo no psiquismo – se apresenta, e se isola, como o termo de estranho em torno do qual gira todo o movimento da *Vorstellung*, que Freud nos mostra governado por um princípio regulador, o dito princípio do prazer vinculado ao funcionamento do aparelho neurônico. É em torno desse *das Ding* que roda todo esse processo adaptativo, tão particular no homem vista que o processo simbólico mostra-se aí inextricavelmente tramado. [...] *Das Ding* deve, com efeito, ser identificado com o *Wiederzufinden*, a tendência a reencontrar, que, para Freud, funda a orientação do sujeito humano em direção ao objeto. Esse objeto, observamos bem, não nos é nem mesmo dito. [...] nós o qualificamos igualmente de objeto perdido. Mas esse objeto, em suma, nunca foi perdido, apesar de tratar-se essencialmente de reencontrá-lo (Lacan, 1959-60/2008, p. 74).

O texto freudiano de 1920 também é pensado nessa articulação com *das Ding*, mas, dessa vez, apresenta o conceito de pulsão de morte, uma energia muda, desligada de todo o significante, elevada, por Freud, ao primeiro plano do psiquismo. A pulsão de morte possui um caráter de descarga imediata e completa, ou seja, uma força de desligamento da vida que tem como visada a eliminação de toda a tensão, um retorno ao estado inorgânico. A introdução dessa pulsão reorienta a obra freudiana: se, antes, a satisfação era resultado da diminuição das excitações, como prevê o princípio de prazer, aqui, Freud aponta para um mais além desse princípio, que engendra a repetição a partir de uma aposta de recuperação de um estado anterior. No entanto, a cada repetição, o que se marca é uma perda, um “a-mais, um mais e mais que já não traz o apaziguamento, mas sim o gozo” (Marques, 2016, p.48).

Embora não formulada por Freud, a noção de gozo aparece em alguns momentos de sua obra como um prazer extraído da dor, ou, conforme mencionado em 1920, como uma “ganância por um prazer de outra índole” (Freud, 1920/2020, p.16). É a partir dessas noções que Lacan (1959-60) desenvolverá o conceito de gozo, articulado ao desejo e à *das Ding*, o que o permite compreender a constituição do psiquismo como uma trama marcada pela perda e pela tentativa de recuperação. Diante da impossibilidade da completude que a incidência da linguagem marca, em que nenhuma resposta é equivalente e não há simetria possível entre o sujeito e o Outro, surge o desejo como aquilo que resta, que sobra do processo de subtração da demanda da necessidade: $N - D = d$. Nesse esteio, na busca pelo reencontro com uma experiência de satisfação para sempre perdida, o sujeito repete, produzindo, assim, uma compulsão à repetição que o lança a um excesso, para além do princípio de prazer: “o extremo do prazer na medida em que consiste em forçar o acesso à Coisa, nós não podemos suportá-lo” (Lacan, 1959-60/1997, p.102).

Lacan (1962-63/2005) elaborou o conceito do objeto *a*, ligado a uma perda constitutiva do sujeito, para pensar o objeto causa de desejo. Em “O seminário, livro 10: a angústia”, apresenta o objeto *a* como um rastro indicativo da repetição que o sujeito engendra, que movimenta e anima esse sujeito em direção à busca pelo impossível reencontro com o objeto originalmente faltoso: “o objeto *a* vem operar como índice da Coisa perdida [...] iludindo o sujeito ao causar desejo; pura promessa fadada ao fracasso” (Marques, 2016, p.54). Embora opere como motor, o objeto *a* não se dissocia da angústia, tal como a clínica das toxicomanias nos permite averiguar.

A angústia é especialmente trabalhada por Freud em dois momentos: o primeiro, no texto “Inibição, sintoma e angústia” (Freud, 1926 [1925]/2020); o segundo, na conferência “Angústia e vida pulsional” (Freud, 1933[1932]/2020). Em ambos, a angústia é conceituada em comparação ao medo, e Freud afirma que há objeto no medo, e não na angústia, além disso, situa o eu como sede da angústia e enumera os momentos de perigo nos quais ela aparece: “o perigo do desamparo psíquico se ajusta ao estágio de imaturidade do eu, o perigo da perda do objeto (do amor) à dependência dos primeiros anos da infância, o perigo da castração à fase fálica, e enfim a angústia ante o supereu” (Freud, 1933[1932]/2020, p.82). Posteriormente, no mesmo texto, Freud acrescenta a angústia que se apresenta com a decrepitude do corpo, isto é, com a chegada da morte.

Em todas essas situações, vemos atualizada a angústia do desamparo em momentos específicos, nos quais o sujeito se vê no lugar do objeto, ou seja, observamos a angústia que se apresenta com essa objetificação do sujeito, diante do enigma do desejo do Outro, e que Lacan (1962-63/2005) designa como um sinal de perigo, em conformidade com Freud: “[...] de maneira mais precisamente enunciada, digo que o perigo em questão está ligado ao caráter de cessão do momento constitutivo do objeto *a*” (p. 352); ou seja, “[...] a angústia manifesta-se, sensivelmente, como relacionada de maneira complexa com o desejo do Outro [...] ligada a eu não saber que objeto *a* sou eu para esse desejo” (p. 353).

É nessa perspectiva que Lacan (1962-63/2005) situa as relações do desejo e da angústia. Afirma que “não só ela [a angústia] não é sem objeto, como também, muito provavelmente, designa o objeto, digamos, mais profundo, o objeto derradeiro, a Coisa. É nesse sentido, como lhes ensinei a dizer, que a angústia é aquilo que não engana” (pp. 338-339), na medida em que afeta o eu [*moi* – projeção de uma superfície] do sujeito e atesta o seu lugar por meio de um sinal de ameaça, que revela o *a* como “[...] o resto, abominado pelo Outro” (p. 133), aquilo que não deveria aparecer, mas que, se aparece, coage e implica o sujeito “no mais íntimo de si mesmo” (p. 191).

Assim, o sujeito que usa drogas, buscando um apaziguamento da angústia, tenta eliminar o próprio desamparo e suas atualizações. As toxicomanias se apresentam, portanto, como um modo de resposta que substitui, momentaneamente – é preciso ressaltar –, a exigência de uma elaboração psíquica necessária diante de cada uma dessas situações. Na tentativa de apaziguar o intolerável, o sujeito se coloca diante do consumo de mais e mais doses, visto que, na prática, na falta da droga, vê-se imerso na angústia. Desse modo, o sujeito, procurando encontrar uma solução capaz de tamponar a angústia suscitada pelo desamparo e pelo enigma do desejo do Outro, busca a droga para suspender o mal-estar, mas acaba envolvido em um dispositivo que o anula como sujeito.

As toxicomanias podem inscrever o sujeito na promessa de um gozo absoluto, sem furo, levando o toxicômano a crer que o objeto perdido pode, de fato, ser reencontrado e, assim, a completude se tornaria possível, e a plenitude, alcançável. Como vimos, há algo de estrutural para todo sujeito, que diz respeito à falta do objeto. Os objetos da pulsão – o seio, as fezes, o olhar e a voz – apenas velam a Coisa, demonstrando que, nas tentativas de reencontro do sujeito, esses objetos já são representados por outra coisa. No entanto, o toxicômano segue supondo seu encontro, embora sua impossibilidade esteja expressa em suas falas.

Essa tendência de se colocar em situações de risco cada vez maiores – seja por meio do aumento das doses, das misturas de substâncias, seja por meio da busca e do uso em locais de tráfico, de forma exposta à guerra da polícia com os traficantes ou à guerra entre facções rivais, nas comunidades, ruelas, becos e “quebradas” – aponta para um efeito de gozo que elimina a possibilidade de o sujeito lidar com a falta, com o desencontro e com o mal-estar. Em 1923, Freud afirmou que, em alguns casos, há um desintrincamento das pulsões, levando a sobressair a “pura cultura da pulsão de morte” (Freud, 1923/2020, p.54). No caso das toxicomanias, “essa pura cultura pode arrebatá-lo o sujeito em sua relação com a droga” (Alberti & Bastos, 2018, p.212).

Podemos citar como exemplo o caso de Gabriel, usuário de múltiplas drogas, que chegou para atendimento se queixando do efeito – chamado por ele de *trip* – e que já não conseguia mais senti-lo quando usava. Gabriel relatou que a vida sem drogas era quase sempre uma *bad trip* e que, por isso, estava consumindo mais drogas e realizando novas misturas para tentar atingir o efeito esperado. Como não o alcançava, quase teve uma overdose. Entretanto, ao retornar aos atendimentos, pôde afirmar: “tô com medo de morrer, mas só queria sentir aquilo de novo, aquela *trip* que faz esquecer de tudo [...] a vida não me dá isso”. Gabriel tinha razão. Restava à analista lembrá-lo que a droga também já não lhe proporcionava a tal *trip* há muito tempo e que, certamente, não voltaria a proporcioná-la. Se ele quisesse viver, seria necessário abrir mão daquela *trip* para poder achar outras na vida.

Lacan (1961-62|2003) recorre a um objeto topológico, o toro, para explicar a repetição, a busca de satisfação. Esse objeto não tem forma: é o próprio caminho das voltas da demanda que funda um vazio no centro. Trata-se, então, de um pedido que se renova, tentando resgatar o impossível, e que circunda o vazio da falta do objeto da demanda. Mesmo quando o toro se fecha e volta ao primeiro ponto, aquele não é mais o primeiro ponto. Assim, a repetição nunca repete a mesma coisa; é a ideia do +1. Há uma marca, e a repetição busca um caminho para reencontrar essa marca e reviver a experiência da satisfação, no entanto, toda vez que a “reencontra” – na verdade, ela nunca é encontrada –, é com essa marca +1 que se depara; marca da diferença que ratifica a experiência original como perdida, e a repetição está sempre além ou aquém daquilo que se procura:

A respeito disso, eu lhes falei da significação que podíamos dar, por convenção, artifício, a dois tipos de laços circulares, enquanto eles são privilegiados. Este que gira em torno do que se pode chamar de círculo gerador do toro, se ele é um toro de revolução, na medida em que **é suscetível de repetir-se indefinidamente, de certa maneira o mesmo e sempre diferente**. Ele é bem feito para representar, para nós, a insistência significativa e especialmente a insistência da demanda repetitiva. Por outro lado, o que está incluso nessa sucessão de voltas, a saber, uma circularidade completa, embora inteiramente despercebida pelo sujeito, e que sucede nos oferecer uma simbolização passiva evidente e, de alguma forma, máxima quanto à sensibilidade, intuitiva do que está incluso nos termos próprios do desejo inconsciente, já que o sujeito segue as suas vias e os seus caminhos sem saber (Lacan, 1961-62 | inédito, grifo nosso).

Na clínica das toxicomanias, é comum ouvirmos, diante do aumento do uso, que muitos sujeitos vão rompendo com seus laços – família, amigos, trabalho –, isolando-se cada vez mais em um movimento que pode anulá-los. Há, então, um gozo que pode situá-lo fora do discurso, um curto-circuito. Segundo Lacan (1975-76), a droga rompe o casamento com o falo, com o pequeno “pipi”, ou seja, rompe com o gozo fálico. Nesses casos, podemos encontrar sujeitos como Danilo, que, no momento mais delicado do uso, reservava “cubículos fedidos em espeluncas de quinta no centro do Rio”, como chamava os quartos de hotéis, onde passava dias consumindo drogas, sem sequer saber se outras pessoas estiveram ou não em sua companhia. Danilo teve uma overdose de cocaína em 2018, ano da morte de seu pai e pouco antes da morte da sua mãe, que já estava com câncer em fase terminal. Decidido a interromper o uso, manteve-se abstinente até hoje, mas reafirma diariamente que precisa afastar-se de qualquer tipo de droga: “tenho vontade todos os dias, mas, se eu começar, eu vou até o fim, só paro quando acaba tudo, quando já não me sobra nada. Dá última vez, quase não sobrou a vida. Então, todos os dias é um ‘só por hoje’”.

Em “O feminino e as drogas na atualidade”, Prates (2007), ao retomar Lacan (1975-76), rememora que, para falarmos de um rompimento com o gozo fálico, é preciso, antes de tudo, de algo já estabelecido, consolidado, sendo necessária uma inscrição no gozo fálico. Porém, no campo do feminino, o que temos é, de saída, uma relação “aberta” nesse casamento com o falo – um furo. Assim, se, por um lado, a clínica nos apresenta muitos exemplos de sujeitos que utilizam drogas para produzir tal rompimento, por outro, é preciso lembrar que essa não é a única via possível. Esse ponto nos conduz à clínica das toxicomanias, a partir do caso de algumas mulheres que estabelecem uma relação muito específica com as drogas.

As Mulheres e o Amor

No texto “Introdução ao narcisismo” (1914|2020), ao apontar as diferenças nas escolhas de objeto no homem e na mulher, Freud leciona que:

As mulheres só amam, a rigor, a si mesmas, com intensidade semelhante à do homem que as ama. Sua necessidade não se sacia amando, porém, sendo amadas, e se prendem ao homem que lhes satisfaz essa necessidade (Freud, 1914|2020, pp.85-86). Lacan, por sua vez, ao retomar o amor narcísico, acrescenta:

O amor distingue-se do desejo, considerado como relação-limite que se estabelece de todo organismo ao objeto que o satisfaz. Porque seu ponto de mira não é a satisfação, mas o ser. É por isto que não se pode falar de amor senão onde a relação simbólica existe como tal. [...] O amor, o amor daquele que deseja ser amado, é essencialmente uma tentativa de ele capturar o outro em si mesmo, em si mesmo como objeto (Lacan, 1953-54, p. 314).

Seguindo o curso de sua teoria, anos depois do texto de 1914, Freud distingue os caminhos do Édipo no menino e na menina, em “O declínio do Complexo de Édipo” (1924/2020). Nesse texto, apresenta-nos a significação da castração como uma operação metafórica que, diante da percepção da falta no campo materno, permite a simbolização pelo próprio sujeito, a partir da ameaça ou da constatação da perda. Avançando ainda mais, na conferência sobre “A feminilidade”, Freud (1933/2020) explica que, nesse momento, a menina, ao se deparar com a privação do falo, distancia-se da mãe por ódio e desloca a libido para o pai. Nesse contexto, Soler destaca que:

Mulher é aquela cuja falta fálica a incita a se voltar para o amor de um homem. Primeiro é o pai, ele próprio herdeiro de uma transformação do amor primordialmente dirigido à mãe, e depois o cônjuge. Em resumo: ao se descobrir privada do pênis, a menina torna-se mulher quando espera o falo – ou seja, o pênis simbolizado – daquele que o tem (Soler, 2005, p. 26).

Segundo Freud, as meninas “aceitam a castração como um fato consumado” (Freud, 1924/2020, p.186), não sofrendo a angústia do mesmo modo que os meninos. Em complemento, Lacan enfatiza que “a essência da mulher não está na castração” (Lacan, 1971-72 | 2012, p. 45), pois, para elas, essa incidência recai sobre a ameaça de perder o amor, o que também se configura como uma fonte de angústia, da mais primitiva angústia de desamparo, prevalecendo a perda do amor do Outro: “é no amor que uma mulher, seja ela histérica ou obsessiva, busca sua subsistência. Sem o amor do Outro não se teme perder um objeto valioso: teme-se perder a si própria, tragada pelo não-ser” (Ribeiro, 2011, p. 163).

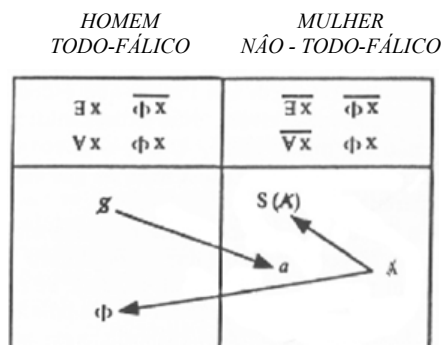
É essencial ressaltar que, tanto para Freud quanto para Lacan, masculino e feminino não são reduzidos ao homem ou à mulher, biologicamente falando. Freud examina a diferenciação entre masculino e feminino no sentido psicológico – atividade e passividade –, no sentido biológico e no sentido sociológico, em uma nota importante acrescentada em 1915, no tópico intitulado “A diferenciação entre o homem e a mulher”, inserido no texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905/2020). Lacan avança na teoria freudiana a partir da dualidade “ter ou ser”, situando a querela feminina como “ser o falo”, ou seja, ser aquilo que falta ao Outro. Assim, em “O seminário, livro 20: mais, ainda” (1972-73/2008) e em “O Aturdido” (1973/2003), Lacan aborda as posições masculina e feminina com as fórmulas da sexuação e afirma que qualquer ser falante se inscreve em um dos dois lados. Desse modo, o mesmo sujeito poderá alternar entre um lado e outro, devendo privilegiar um dos lados. Reitera que essa divisão corresponde à posição do sujeito no discurso, ou seja, à forma como se insere na função fálica:

Entre o que funda simbolicamente a função argumental dos termos o homem e a mulher, persiste a hiância da indeterminação de sua relação comum com o gozo. Não é a partir da mesma ordem que eles se definem em relação a ela (Lacan, 1971-72/2012, p. 44).

A partir dessa desproporção, Lacan nos lembra que, enquanto o homem toma a mulher no lugar de objeto *a* na fantasia, ou seja, no lugar do objeto causa de desejo, com as mulheres, a história é outra. Elas também podem se relacionar com o objeto no nível da fantasia, mas há um além; um gozo suplementar que transborda, um Outro gozo que implica a falta do significante no Outro, que, embora se refira ao gozo fálico, não se restringe a ele. Leader (2023, p. 131) acrescenta que, em um nível puramente formal, Lacan ligou a sexualidade feminina a uma oscilação, ou seja, à “implicação de um vínculo não apenas com um homem – às vezes – e com os pontos em que o simbólico não responde”.

Figura 1

Fórmulas Quânticas da Sexuação



Nota: Lacan (1972-73/2008, p.105).

Por meio das fórmulas quânticas, Lacan nos ilustra que a lógica porta a marca do impasse sexual, pois, enquanto o sujeito é causado pelo objeto a ($\$ \rightarrow a$), $\bar{A}$ mulher dirige seu desejo ao falo ($\bar{A} \rightarrow \Phi$). Assim, o objeto a surge como resto de $\bar{A}$, pois lá onde o Outro é barrado, lá onde $\bar{A}$ mulher não existe, ou “a existência dela é um sonho de mulher” (Lacan, 1971|2009, p. 69), ou o sujeito a coloca como causa de seu desejo, o que representa um ato incitado de modo fetichista ou erotomaniaco (Marques, 2016). Para o homem, o(a) parceiro(a) porta uma marca fálica, na medida em que, sendo o objeto escolhido, apresenta-se no lugar do significante fálico, $\Phi(a)$; por essa via, o desejo masculino aposta no tamponamento da falta no Outro. Desse modo, na forma fetichista, prevalece o desejo, já que o ato de amor dos homens é a perversão polimorfa do macho, por meio da qual “vê-se que as mulheres-falo [...] situadas para-além do ‘você é minha mulher’ pelo qual ele constitui a parceira, confirma que o que surge no inconsciente do sujeito é o desejo do Outro [...]” (Lacan, 1960|1998, p.742). Portanto, a satisfação em ter um objeto não apenas apazigua sua angústia de castração, mas também ratifica sua posição do lado masculino da partilha dos sexos. Ao designar o(a) parceiro(a) com “você é meu objeto de desejo”, recebe, como retorno dessa mensagem, a aplacante ratificação de que ele próprio é, então, o homem desse objeto-parceiro.

Por outro lado, para as mulheres, o que está em jogo é o desejo do falo, que, na forma erotomaniaca, aposta no(a) parceiro(a) como aquele(a) em quem ela vai encontrar o significante de seu desejo, único capaz de responder à sua falta: $\bar{A}$. É daí que surge a exigência de ser amada, que não se reduz à demanda do diga-me que me ama, mas, antes, estende-se para as diversas concessões que faz ao parceiro. Essas concessões estão sempre ancoradas na questão “será que ele(a) me ama?”, véu que encobre seu mote fundamental: o enigma do feminino, o Outro que ela é para si mesma (Marques, 2016).

É por não existir relação sexual, visto a impossibilidade de complementariedade existente nas diferenças apontadas por Lacan, que o amor vem em suplência. Dito de outro modo, diante da incidência do real, da impossibilidade da completude, o sujeito lança mão do imaginário do amor na intenção de recobrir a falta. Desse modo, se considerarmos que as mulheres, por um lado, dirigem-se ao falo, por meio do qual o homem serve como conector e, por outro, dirigem-se a $S(\bar{A})$, isto é, àquilo que falta como significante no Outro e é vazio de significação, não seria o medo de serem tragadas pelo não-sentido a causa de elas privilegiar a posição de amadas?

As Mulheres e a Clínica das Toxicomanias

Em nossa experiência clínica – e institucional – vivida em alguns dispositivos de saúde mental e atenção a usuários de drogas², é perceptível a diferença entre o que escutamos das equipes sobre os pacientes homens e mulheres em reuniões e discussões de casos. Sobre os homens, o discurso se coaduna com o deles, pois a gravidade de muitos casos está quase sempre delimitada pelas histórias que repetem suas perdas financeiras e seus rompimentos de laços diante do abuso de drogas. Sobre muitas mulheres, no entanto, é comum ouvimos das equipes o mal-estar diante delas: “elas dão muito mais trabalho”; “falam demais”; “demandam o tempo todo”; “atrapalham os grupos, entram e saem, falam alto, ameaçam se jogar na frente dos ônibus”; “se jogam na calçada dizendo que querem morrer e só entram depois de horas de intervenção”; “não sabemos o que é, só vemos a confusão e o barulho quando chegam”. Essas demandas também carregam um endereçamento que, nesses casos, situa-se no laço transferencial. Endereçadas à equipe, as falas, os atos e os barulhos precisam ser trabalhados para, a partir daí, extrairmos o que há de singular nas histórias de cada uma delas, fazendo-as serem contadas uma a uma.

Quando ouvimos as pacientes, percebemos que a relação com seus parceiros amorosos e/ou com os seus filhos homens é um fator que predomina no discurso delas. Essa relação pode ser observada nos recortes de casos que apresentaremos a seguir, a fim de demonstrar o que podemos extrair da nossa hipótese. Ana, 24 anos, paciente do CAPS ad, relatou ter sido muito presa pelo pai durante a infância e o início da adolescência: “No único dia que saí para o aniversário de uma amiga, conheci meu marido e, um mês depois, fugi com ele. Ele disse que trabalhava no comércio, mas era uma ‘boca de fumo’”. Quando vi, já estava lá com ele, usando, vendendo e carregando. Fui presa duas vezes, enquanto ele ficava com a favela inteira, mas, até hoje, não consigo me separar dele, mesmo ele me traindo, me batendo e me colocando em furadas. Só de pensar, acho que vou morrer se ele for embora”.

Vilma, uma senhora de 60 anos, foi buscar ajuda no CAPS ad para um de seus filhos – usuário de cocaína – e relatou que, além desse filho, o marido e o filho mais velho eram usuários e já se envolveram com o tráfico. Segundo Vilma, só descobriu a relação do marido com o tráfico quando já estavam casados há mais de dez anos e com cinco filhos: “Sempre soube que bebia e gostava de maconha, guardava em casa inclusive. Mas quando a polícia invadiu minha casa atrás dele, soube que o bar onde trabalhava era uma ‘boca de fumo’. Quase morri! Mas o que fazer se já tinha cinco filhos com ele? Era o dinheiro dele que sustentava a casa. Eu era faxineira e com um monte de filhos não conseguia trabalhar todos os dias”. Algum tempo depois, o marido de Vilma foi morto em um confronto com traficantes de uma facção rival e o filho mais velho foi preso. Para esse filho, Vilma entregava mais da metade de seus rendimentos mensais, para que “pagasse

² As experiências em questão se referem a trabalhos realizados em Ambulatórios de Saúde Mental e em Centros de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas (CAPS ad).

por sua vida na prisão”. Tais valores se referiam ao consumo de objetos de uso pessoal, telefone celular e drogas. Quando questionada, disse: “O que espera que eu faça? Já perdi meu marido para o tráfico, não posso perder meus filhos também! Estar preso tem custo: tudo lá é pago e caro! Pagamos para que ele fique vivo. Aprendi isso quando meu marido foi preso. Já perdi meu marido, mas, se eu perder meus filhos, não vai me restar nada”.

Camila tinha 19 anos quando o pai morreu de cirrose. Ela estudava música, ofício ensinado pelo pai, e tocava em bares, fato que causava muitas brigas entre ela e sua mãe. Ao contrário de seu pai, até o momento de sua morte, Camila nunca tinha bebido, mas, a partir daí, iniciou um uso que logo se tornou abuso. Já na primeira entrevista de análise, disse: “eu queria saber o que era aquilo que matou meu pai, por isso comecei a beber destilados, porque era só o que ele gostava: cachaça, conhaque, rum e outras”. Quando a analista perguntou se já não estava claro o que havia matado seu pai, Camila continuou: “ele era a única coisa que me mantinha longe das maluquices da minha mãe. Ela é abusiva, invasiva [...] você acha que ele bebia à toa? Ele queria ser músico, mas ela infernizou tanto que ele desistiu. Se já não tinha ele, teria a bebida dele [...]. Era isso ou ser engolida pela minha mãe”.

O livro “O que é encarceramento em massa” (Borges, 2018) fomenta nossas observações clínicas ao analisar dados sobre mulheres em situação prisional. Na tipificação dos crimes cometidos, 62% dos casos se enquadram como tráfico de drogas. Além disso, na maioria das ocorrências, as prisões de mulheres são realizadas em operações onde o foco é um familiar homem, sendo comum o relato de prisões por transportarem ou guardarem pequenas quantidades de drogas a pedido desses familiares, sobretudo parceiros e filhos homens. Consta também que, em 95% dos casos, há relatos de uso de drogas por elas no momento do flagrante. Outra referência importante é o documentário “Se eu não tivesse amor” (Chaves, 2013), no qual Geysa Chaves retrata a penitenciária feminina “Tavera Bruce”, no Complexo de Bangu. De acordo com os dados apresentados, nove em cada dez mulheres cumpriam pena por envolvimento em crimes praticados por seus maridos, companheiros ou namorados. O filme acompanha a história de cinco mulheres que, uma a uma, narram as concessões para não perder o amor de seus parceiros.

Segundo Prates, a impossibilidade de uma nomeação que diga d’*À* mulher deixa um enigma: “essa fora da lei ‘que não tem governo, nem nunca terá’ faz com que ‘*À* mulher’ sempre escape e nunca esteja onde se julga possível encontrá-la” (Prates, 2007, p.51). É por sua ligação com o Outro barrado da linguagem, *S* (*À*), e pela falta de um significante que diga *À* mulher e afirme a existência da exceção, que Lacan declara que *À* mulher não existe: “Se a mulher não é toda, é porque o seu gozo é duplo” (Lacan, 1971-72 | 2000, p.101).

Ainda considerando o raciocínio de Lacan, lembramos que há algo da ordem da loucura nas mulheres, quando se trata de amor, uma vez que:

O universal do que elas desejam é a loucura: todas as mulheres são loucas, como se diz. É por isso mesmo que não são todas, isto é, não loucas-de-todo, mas antes conciliadoras, a ponto de não haver limites às concessões que cada uma faz a um homem: de seu corpo, de sua alma, de seus bens (Lacan, 1973|2003, p.538).

Diante disso, podemos afirmar que, nas concessões que uma mulher pode fazer a um homem, para não perder o amor dele, valeria até mesmo usar um recurso que a aproxima da morte, como no caso do uso de drogas, do tráfico e outros crimes? Na clínica das toxicomanias, como já mencionamos, vemos o sujeito lançar mão de um recurso diante do mal-estar, suscitado pela castração, que o lança em uma relação particular com a droga. O sujeito, ancorado na crença do reencontro com o objeto perdido desde sempre e na incessante busca por tamponar a falta e a angústia que retornam dessa impossibilidade, é marcado, em muitos casos, pelo rompimento com o gozo fálico. No entanto, ao percorrermos os caminhos sobre o feminino, percebemos que algumas mulheres, ao se verem frente à perda do objeto amoroso – objeto que as relançam na impossibilidade de encobrir o real com a fantasia visada pelo amor –, veem-se atravessadas pela angústia e devastadas. Assim, diante das inúmeras concessões para não perder o amor, na relação entre as mulheres e a toxicomania, a substância a que nos referimos não nos parece ser a droga, nem tampouco o crime, mas a própria subsistência dessas mulheres, sendo o amor o recurso advindo do medo de não-ser.

Referências

- Alberti, S. & Bastos, A. (2018). Crack! A redução de danos parou, ou foi a pulsão de morte? *Revista de Psicologia da USP*, 29(2),212-25.
- Borges, J. (2018) *O que é encarceramento em massa?* Letramento.
- Calazans, R., & Bastos, A. (2010). Passagem ao ato e acting-out: duas respostas subjetivas.
- Fractal: Revista de Psicologia*, 22(2), 245-56, <http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/Fractal/article/view/404>
- Chaves, G. (2013, 10 de setembro). *Se eu não tivesse amor* [Vídeo]. You Tube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TF8S5oGkL-c>

- Freud, S. (2020). Proyecto de Psicología. In J. Strachey (Ed.). *Obras completas* (2a. ed., Vol. 1, pp.323-446, J. L. Etcheverry Trad.). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1950 [1895]).
- Freud, S. (2020). Tres ensayos de teoria sexual. In J. Strachey (Ed.). *Obras completas* (2a. ed., Vol. 7, pp.109-232, J. L. Etcheverry Trad.). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (2020). Introducción del narcisismo. In J. Strachey (Ed.). *Obras completas* (2a. ed., Vol. 14, pp. 65-98, J. L. Etcheverry Trad.). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2020). Más allá del principio de placer. In J. Strachey (Ed.). *Obras completas* (2a. ed., Vol. 18, pp. 1-62, J. L. Etcheverry Trad.). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (2020). El yo y el ello. (In J. Strachey (Ed.). *Obras completas* (2a. ed., Vol. 19, pp. 1-66, J. L. Etcheverry Trad.). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (2020). El sepultamiento del complejo de Edipo. In J. Strachey (Ed.). *Obras completas* (2a. ed., Vol. 19, pp. 177-188, J. L. Etcheverry Trad.). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, S. (2020). Inhibición, síntoma y angustia. In J. Strachey (Ed.). *Obras completas* (2a. ed., Vol. 20, pp. 177-188, J. L. Etcheverry Trad.). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1926 [1925]).
- Freud, S. (2020). El malestar en la cultura. In J. Strachey (Ed.). *Obras completas* (2a. ed., Vol. 21, pp. 57-140, J. L. Etcheverry Trad.). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1930).
- Freud, S. (2020). Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis. In J. Strachey (Ed.). *Obras completas* (2a. ed., Vol. 22, pp. 57-140, J. L. Etcheverry Trad.). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1933[1932]).
- Jorge, M. A. C. (2002). Discurso e liame social: apontamentos sobre a teoria lacaniana dos quatro discursos. In D. Rinaldi, & M. A. C. Jorge, (Orgs.). *Saber, verdade e gozo: leituras de O seminário, livro 17, de Jacques Lacan* (pp. 17-32). Rios Ambiciosos.
- Leader, D. (2023). *Gozo: sexualidade, sofrimento e satisfação*. Zahar.
- Lacan, J. (2009). *O seminário, livro 1: Os conceitos técnicos de Freud*. Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1953-54).
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1954-55).
- Lacan, J. (1995). *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1956-57).
- Lacan, J. (1999). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-58).
- Lacan, J. (1997). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1959-1960).
- Lacan, J. (1998). *Escritos* (pp. 734-745, V. Ribeiro Trad.). Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1960).
- Lacan, J. (1961-1962). *A identificação: seminário 1961-1962, livro 9* (I. Corrêa & M. Bagno Trad.). https://issuu.com/carlosedra/docs/jacques_lacan_-_seminario_livro_9_-
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia* (V. Ribeiro Trad.). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-63).
- Lacan, J. (1998). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 16: de um outro ao Outro*. Jorge Zahar, 2008. (Trabalho original publicado em 1968-69).

- Lacan, J. (2009). O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante. Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1971).
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1972-73).
- Lacan, J. (2003). *Outros Escritos* (pp. 448-497, V. Ribeiro Trad.). Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1973).
- Lacan, J. (1975/1976). Journées d'Études des Cartels de L'école Freudienne: Seance de Cloture. *Lettres de l'École Freudienne de Paris*, 18, 263-270. http://www.valas.fr/IMG/pdf/cloture_des_journees_sur_les_cartels1975-04-13c.pdf
- Marques, L. (2016). *Homossexualidade e ética psicanalítica*. [Tese de Doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro]. Biblioteca Digital de Tese e Dissertações da UERJ. <https://www.bdt.uerj.br:8443/handle/1/14560>
- Marques, L., Alberti, S., & Mählmann, P. (2022). O que se desvela com a rotação do espelho? Da formação do eu à sensação do desejo do Outro. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, 25(3), 533-559. <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2022v25n3p533.3>
- Martins, R. S. (2011). *Considerações sobre a clínica das toxicomanias na neurose*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Miranda, E. R. (2017). *Dezarrazoadas: devastação e êxtase*. Contra Capa.
- Prates, A. L. (2007). O feminino e as drogas na atualidade. *Revista Mental*, 5(9), 47-61. <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/mental/v5n9/v5n9a04.pdf>
- Prates, A. L. (2019). *Feminilidade e experiência psicanalítica* (3a. ed.). Larvatus Prodeo Editora.
- Quinet, A. (2003). *A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma*. Jorge Zahar.
- Ribeiro, M. A. C. (2011). *Um certo tipo de mulher*. 7 Letras.
- Soler, C. (2005). *O que Lacan dizia das mulheres*. Jorge Zahar Ed.

Como citar:

Martins, R. S., & Marques, L. R. (2025). As Mulheres e o Amor na Clínica das Toxicomanias. *Revista Subjetividades*, 25(2), e15108. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v25i2.e15108>

Endereço para correspondência:

Renata Sales Martins
E-mail: rsmartins.psi@gmail.com

Luciana Ribeiro Marques
E-mail: lucianamarques@icloud.com



Recebido em: 19/03/2024.
Aceito em: 30/08/2025.